



UFRGS

**PROFESSORES
EMÉRITOS**
MEMÓRIAS E HISTÓRIA



UFRGS
PROFESSORES EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

UFRGS

PROFESSORES
EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

DARCY DILLENBURG



Entrevista concedida em novembro de 2011. Foto: Flávio Dutra

2004

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

18

A IMPORTÂNCIA DE PARTICIPAR DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM FÍSICA DESDE SEU IMPULSO INICIAL

“A pesquisa na UFRGS começou em dois lugares. O primeiro foi nos porões da Faculdade de Direito, pelo grupo da Genética, coordenado pelos professores Antônio Cordeiro e Francisco Salzano, pesquisadores que serviam de exemplo e inspiração para a equipe da Física.”

Não, não queria vir para a UFRGS. Recebeu convite para assumir uma cátedra, mas o recusou. Preferia continuar em São Paulo, onde trabalhava como auxiliar de pesquisa e pensava ter mais futuro. Quando comunicou a decisão ao seu chefe paulista, escutou que era uma loucura rejeitar uma oferta daquelas e que deveria aceitar o convite imediatamente. Aceitou o conselho e assumiu o cargo em Porto Alegre.

A decisão não poderia ter sido melhor porque assim começava, em 1959, a história da paixão de Darcy Dillenburg pela Universidade, sentimento que persiste até hoje. Um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da Física no Rio Grande do Sul nasceu, cresceu e estudou em Porto Alegre. Fez vestibular para Física na Pontifícia Universidade Católica, onde em 1951 cursou o primeiro

ano da faculdade. Em 1952 voltou a participar do concurso, só que desta vez na UFRGS, para a qual foi aprovado em Engenharia e Física. Optou por dar continuidade à carreira escolhida anteriormente, ingressando na instituição no segundo ano do curso que, naquela época, tinha a duração de três anos para o bacharelado com o acréscimo de mais um para a licenciatura. Logo após a graduação, começou a lecionar no colégio de segundo grau Júlio de Castilhos (Julinho), que era considerado referência em ensino de qualidade e, portanto, muitos aspiravam a trabalhar lá.

Nesse período, teve início, também, uma grande amizade e uma sólida parceria profissional com Gerhard Jacob (que em 1988 se tornaria reitor). A “dupla dinâmica”, como gosta de dizer, impulsionou a pesquisa no campo da Física no Estado. Durante muito tempo trabalharam juntos, a ponto de Dillenburg declarar que “tudo o que digo nessa fase se aplica também a meu colega Gerhard”. Eles se conheceram na faculdade. “O Gerhard estava um ano à minha frente, já era professor

1960

CONQUISTA O TÍTULO DE DOUTOR EM FÍSICA MEDIANTE CONCURSO DE CÁTEDRA, EM QUE DEFENDEU TESE SOBRE DIFUSÃO DE NEUTRONS PROVENIENTES DE FONTE PULSADA EM MEIO MULTIPLICADOR

19

assistente e me deu aula no bacharelado. Ficou indignado uma vez em que tive de fazer exame porque não tinha passado por média.” Depois se tornaram companheiros de jornada.

A confluência de dois fatores foi fundamental para a introdução da pesquisa na Física naquele momento em que a Universidade se dedicava quase exclusivamente ao ensino. O primeiro elemento era a predisposição do reitor Elyseu Paglioli (1952–1964) de incentivar o crescimento e o desenvolvimento da instituição em diversas áreas. O segundo foi a ida do professor Antonio Estevão Pinheiro Cabral ao Rio de Janeiro para fazer estágio no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), criado para receber o físico brasileiro César Lattes. Este cientista alcançou renome internacional por participar da equipe que descobriu o “méson pi” (passo fundamental para a compreensão do mundo subatômico) e, com o prestígio associado a essa descoberta, voltou ao Brasil. Cabral trabalhou um ano com Lattes e, inspirado nessa experiência, retornou ao Rio Grande do Sul com a ideia de criar um centro de pesquisas físicas aqui. Paglioli abraçou a ideia e o convidou, assim como o diretor da Faculdade de Filosofia, Bernardo Geisel, a integrar uma comissão para desen-

volver o projeto de criação do Centro de Pesquisas Físicas da instituição.

Dillenburg foi contratado como auxiliar de pesquisa do novo Centro, “mas não havia pesquisa, estava tudo por começar”. Ele e Gerhard – que era professor assistente – decidiram, então, escrever a alguns lugares para saber onde poderiam fazer pós-graduação e se iniciar em pesquisa. Fizeram contato com o Instituto de Energia Atômica de São Paulo, onde na época estavam construindo o primeiro reator nuclear do Brasil, e com o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), criado por Cesar Lattes, no Rio. Escolheram ir para São Paulo, onde fizeram física teórica e publicaram o primeiro trabalho científico, orientados pelo professor Paulo Saraiva Toledo. Ao final de dois anos, consultaram a Faculdade de Filosofia da USP sobre a possibilidade de fazer doutorado, sendo prontamente aceitos. “Acabamos pensando em ficar por lá quando recebemos um convite do professor Ary Nunes Tietböhl para vir trabalhar na UFRGS. Estávamos trabalhando em São Paulo e acreditávamos que as oportunidades estavam junto ao reator nuclear que havia sido implantado lá, por isso dissemos que agradecíamos, mas não aceitaríamos.” Graças ao conselho do professor Saraiva, vieram para a Universidade.

Quando chegaram ao Centro de Pesquisas, os dois físicos teóricos tiveram a iniciativa de fazer uma busca internacional por um cientista de renome que aceitasse vir para a UFRGS e que, com seu conhecimento e prestígio, ajudasse a desenvolver o setor. Escreveram cartas com o convite para muitos centros de pesquisa desse campo no mundo. A estratégia deu certo e conseguiram um professor visitante, o físico alemão Theodor Maris, com doutorado em Munique e trabalhos na Dinamarca, na Suécia e na Flórida (EUA), interessado em trabalhar num país onde as coisas estivessem por fazer. “Para nós, foi a sorte grande, porque ele tinha iniciado uma pesquisa original em reações nucleares, que foi muito importante em termos de desenvolvimento da Física Nuclear. O professor Maris sentia que estar trabalhando na Europa e nos Estados Unidos, lugares bastante desenvolvidos, não era o que queria. Preferia ir para um lugar em que fizesse diferença”.

Segundo Dillenburg, o salário, “astronômico para aquele tempo”, era de mil dólares mensais e foi uma luta obter o dinheiro, “mas conseguimos e ele foi renovando o contrato. Ficou aqui, constituiu família, se tornou professor titular e foi com ele que realmente começamos a atividade de pesquisa em Física na

Universidade”. Considerado extremamente original e criativo, Maris foi inspirador e um mestre para os que fizeram carreira científica inicial com ele. Darcy Dillenburg salienta que a Física experimental também foi desenvolvida com um físico visitante – John Rogers –, que morou muitos anos aqui e trabalhou nessa etapa de transição da Universidade para a situação de hoje, em que ensino, pós-graduação e pesquisa são atividades disseminadas em muitas áreas e com muito bom nível. Pouco depois, Fernando Zawislak se somou ao grupo e começou a parte experimental nesse campo.

A pesquisa na UFRGS começou em dois lugares. O primeiro foi nos porões da Faculdade de Direito, pelo grupo da Genética, coordenado pelos professores Antônio Cordeiro e Francisco Salzano, pesquisadores que serviam de exemplo e inspiração para a equipe da Física. “Nós começamos naquele prédio que fica ao lado da Química e, junto ao grupo da Genética, durante um tempo fomos os que lideraram a pesquisa na Universidade”, explica Dillenburg e completa, com orgulho, que “a Física, sem dúvida, hoje está muito bem consolidada e considerada no meio científico internacional”.

1968 – 1976

ATUA COMO PESQUISADOR CONFERENCISTA DO CNPQ

20

21

1975 – 1989

BOLSISTA DE PESQUISA 1A DO CNPQ, QUANDO SOLICITOU DESLIGAMENTO

Foi pró-reitor de Graduação na administração de Gerhard Jacob e viveu dois anos em Brasília, onde assumiu o cargo de diretor de Avaliação da Capes, a convite do então presidente da Coordenadoria, Abilio Baeta Neves. Para Dillenburg, era uma responsabilidade muito grande, pois uma das atividades centrais da entidade é justamente a avaliação dos cursos de pós-graduação de todo o país. Voltou ao sul porque lhe pediram que aceitasse ser diretor do Instituto de Física, proposta que havia rejeitado em outras oportunidades. A ideia de seus colegas era de que ele precisava desempenhar a função pelo menos uma vez antes de aposentar-se. Ainda mantém seu gabinete no prédio do Campus do Vale, participa de eventos, assiste às palestras, mas não está mais fazendo atividade de pesquisa. Pretende desocupar seu espaço em breve porque “é algo que não sobra na Universidade” e porque tem certeza de que sempre terá livre acesso ao setor. Deseja continuar frequentando o Instituto por muito tempo, participando dos seminários para seguir acompanhando as novidades e avanços na área.

O professor emérito aponta “um mundo de diferenças” entre a UFRGS da década de 1960, quan-

do a Física teve início, e a atual, em que o setor está consolidado. Naquela época, era uma universidade tradicional, voltada ao ensino. Um professor catedrático podia ser um engenheiro ou matemático que pegava um livro de Física, preparava e ministrava a aula. Não contribuía para o avanço do conhecimento. “A atitude das sucessivas administrações centrais, desde os tempos de Paglioli até agora, de não economizar esforços para mudar a Universidade, de transformá-la em uma instituição de ensino e pesquisa, foi muito boa.” A Universidade em geral apoiou o desenvolvimento de várias áreas, e a Física foi certamente uma delas, de acordo com o docente. “Sempre houve apoio para os laboratórios de pesquisa, com financiamento da Universidade e das agências de fomento à pesquisa. Sempre me senti apoiado pela instituição.”

Cicilia, a esposa de Dillenburg, diz que o marido “é totalmente apaixonado pela Universidade” e que durante toda a sua carreira estava sempre voltado à instituição. Mesmo nos períodos de férias, em que o casal costumava ir para a praia com seus cinco filhos, ele não descansava todo o tempo. Normalmente, levava material para ler, escrever, preparar, revisar ou estudar na sua escrivaninha, estratégica-

mente instalada para que pudesse realizar essa atividade no local.

Esteve um tempo no México, onde foi realizar pesquisas com o cientista Marcos Moshinsky, que era uma referência em Física. Os estudos eram necessários para o desenvolvimento de sua tese de doutorado. Já nos Estados Unidos trabalhou por dois anos com o físico Raymond Sorensen, na Carnegie Mellon University, em Pittsburgh. Em outros momentos de sua carreira, trabalhou também com cientistas italianos e franceses em Trieste e Paris.

“Na soma, foi fantástico trabalhar na UFRGS”, enfatiza o professor que sempre gostou tanto de dar aula como de fazer pesquisa e orientar os projetos dos alunos. Dentre seus orientandos de mestrado e/ou doutorado estão os professores Luiz Fernando Ziebell, do grupo de pesquisas de Plasmas, e Felipe Rizzato, que atua no grupo de física de feixes, aceleradores de partículas, ondas não lineares e caos espaço-temporal.

Afirma que, em termos de estrutura, abrangência de áreas e atividades, não falta nada importante na instituição. Por isso, considera que a Universidade está bem, é só seguir esse caminho e melhorar sempre, porque está preparada para crescer cada vez mais. Não se trata apenas de uma opinião, mas também de um

desejo de que ela continue sendo uma “universidade no sentido pleno da palavra”, uma instituição em que se faz pesquisa em nível internacional e se faz ensino de alta qualidade. Acredita que hoje em dia “já não tem volta, ela não deixa mais de ter esse padrão internacional, porque está consolidada em muitos sentidos, e imagino que a renovação que se faz do corpo docente por meio de concursos de provas e títulos siga mantendo e até ampliando essa qualificação”. Explica que isso se deve ao fato de que as unidades têm seus colegiados, os quais participam dos órgãos superiores da Universidade e certamente não permitiriam que houvesse retrocesso.

Para Dillenburg, a Universidade significa uma experiência de vida extraordinária, porque nela conseguiu se realizar como pessoa e como profissional, e também pôde colaborar para que ela atingisse esse nível de alta qualidade de ensino e pesquisa. “Sinto orgulho de fazer parte da história da UFRGS e do jeito como ela está hoje, há ainda mais razões de que se orgulhar. Minha relação com a Universidade foi uma maravilha.”

2001

RECEBE A MEDALHA CAPES 50 ANOS, DO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

22

23

2004

ASSUME COMO MEMBRO DO CONSELHO
SUPERIOR DA FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (FAPERGS)